Da análise que faço do teu texto gostaria de destacar o seguinte:

1. O texto tem um nivel de generalidade e de abstração demasiado elevado. Este facto torna-se negativo para a sua compreensão;
2. A argumentação ganharia maior consistência através do recurso a informação empírica;
3. Olhar, por exemplo, para o caso português em comparação com a realidade histórica de outras sociedades, permitiria, seguramente, um ganho de clareza na demonstração da permanência da "Aristocracia" nas sociedades contemporâneas (Vê o texto que te envio em anexo);
4. Os conceitos que referes exigem uma maior clareza e, sobretudo, a referência a definições alternativas (explicações conflituantes sobre a mesma realidade);
5. A realidade que procuras analisar, aparece-me, básicamente, com dois sentidos diferenciados no texto: **1) Tese da Continuidade** - *A Aristocracia histórica que permanece nas nossas sociedades, que continua a reproduzir-se e a lutar pelos seus privilégios;* **2) Tese da Nova Aristocracia** - *Uma camada de privilegiados modernos que não exercem o trabalho braçal e que procura garantir os seus benefícios (Como a Aristocracia da Sociedade de "Antigo Regime");*
6. Por fim, ao atribuíres à Universidade o papel de produtora da "Aristocracia" não estarás a esquecer outros factores que devem enriquecer a tua "estratégia de demonstração"? É a Universidade que produz desigualdade, ou existem outras fontes de desigualdades? Estás a limitar a tua análise e a tua explicação quando referes o seguinte ***"A aristocracia moderna faz a sua formação em escolas especiais (as universidades), especializa-se e compõe com o seu grupo de pares, em camadas de gerações, relações sociais de fechamento com o fito de reservar o acesso a certo tipo de recursos para garantir a estabilidade, independentemente dos direitos humanos (dos desvalidos). A aristocracia procura empregos (e não trabalho) e actualmente constrói currículos vitea para marcar a diferença para com aqueles que não o podem fazer.";***